

VITOR A. MERHY

FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE

UNIÃO NACIONAL DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS

CRESCENDO EM DIREÇÃO À AUTONOMIA OU À DEPENDÊNCIA ?
TRABALHANDO A SIMBIOSE NA RELAÇÃO TERAPEUTA-PACIENTE
NÃO PSICÓTICO

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

CRESCENDO EM DIREÇÃO À AUTONOMIA OU À DEPENDÊNCIA ?
TRABALHANDO A SIMBIOSE NA RELAÇÃO TERAPEUTA-PACIENTE
NÃO PSICÓTICO

VITOR A. MERHY

Rio de Janeiro

2012

VITOR A. MERHY

**CRESCENDO EM DIREÇÃO À AUTONOMIA OU À DEPENDÊNCIA ?
TRABALHANDO A SIMBIOSE NA RELAÇÃO TERAPEUTA-PACIENTE
NÃO PSICÓTICO**

Artigo de conclusão do curso apresentado à Faculdade de Tecnologia Paulo Freire e à União Nacional dos Analistas Transacionais, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional

Orientador: Prof. ADRIANA MONTHEIRO

Rio de Janeiro

2012

VITOR A. MERHY

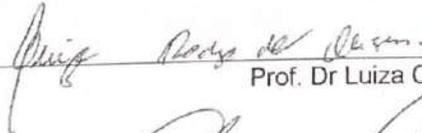
**CRESCENDO EM DIREÇÃO À AUTONOMIA OU À DEPENDÊNCIA ?
TRABALHANDO A SIMBIOSE NA RELAÇÃO TERAPEUTA-PACIENTE
NÃO PSICÓTICO**

Artigo de conclusão do curso apresentado à Faculdade de Tecnologia Paulo Freire e à União Nacional dos Analistas Transacionais, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Orientador: Prof ADRIANA MONTHEIRO

Aprovado em 24 de Março de 2012.

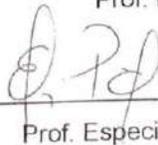
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr Luiza Oliveira



Prof. Mestre Adriana Montheiro



Prof. Especialista Ede Lanir Ferreira Paiva

RESUMO

ABSTRACT

A Simbiose é um conceito desenvolvido por Jacqui Schiff *et all* no seu trabalho com pacientes portadores de psicoses graves como a esquizofrenia. É nosso intuito, com este artigo, propor uma reflexão sobre a sua aplicabilidade em nossos pacientes não-psicóticos, dentro da prática de consultório. Fazendo uma revisão da Teoria do Desenvolvimento, em autores com referencial teórico em Análise Transacional, procuramos estabelecer, dentro de cada período do desenvolvimento do ser humano - desde a concepção até a fase de entrada na vida adulta - as possibilidades do que pode acontecer dentro da Simbiose Primária para sua não resolução. Levamos em consideração que nesta Simbiose Primária, quando não resolvida, vai se desenvolver o estabelecimento do *script* e a matriz das diversas relações de dependência vida a fora. Propomos, então, a reflexão que, trabalhando dentro da Simbiose Terapêutica, na relação terapeuta-paciente, a resolução desta Simbiose poderá levar à possibilidade de resgate da Autonomia com Consciência, Espontaneidade e Intimidade, proposta por Berne.

Palavras-chave: Análise Transacional, Simbiose, Teoria do Desenvolvimento, Autonomia, Relação de Dependência.

ABSTRACT

Symbiosis is a concept developed by Jacqui Schiff *et al* in their work with patients with severe psychoses like schizophrenia. It is our intention, with this article to propose a reflection of its applicability in our neurotic patients, within the office practice. In review of the development theory, based on authors with theoretical in Transactional Analysis we sought to establish, within each period of human development - from conception to the stage of entry into adult life - the possibilities of what can happen within the Primary Symbiosis for its lack of resolution. Considering that this Primary Symbiosis, if not resolved, will develop and establish the script array of different relations of dependence for life. We propose the reflection that, working within the Therapeutic Symbiosis, framed by the therapist-patient relationship, the resolution of this symbiosis will lead to the possibility of recovering Autonomy with Awareness, Spontaneity and Intimacy, as proposed by Berne.

Keywords: Transactional Analysis, Symbiosis, Theory of Development, Autonomy, Dependency Ratio.

INTRODUÇÃO

As relações de dependência permeiam as interações entre seus elementos, no Universo, no Sistema Solar e na Natureza. Muitas espécies dependem umas das outras para a sua sobrevivência, isto também ocorre de forma semelhante na espécie humana. Inicialmente, existe uma dependência energética e fisiológica e, com o crescimento, também uma psicológica. E é esta a causadora, quando não resolvida, das relações de dependência que perduram toda uma vida.

Toda estruturação da personalidade humana é desenvolvida dentro de uma relação simbiótica inicial, em direção à autonomia, objetivo natural e final do crescimento. É nosso propósito, ao fazer uma abordagem teórica, sob a ótica da Análise Transacional, avaliar em quais momentos do desenvolvimento biopsicofisiológico a autonomia vai gradativamente sendo substituída pela construção de uma dependência e nos levando, vida a fora, a estabelecer relações que sejam similares a matriz da relação inicial, a nossa mãe.

Schiff focou os seus trabalhos sobre simbiose ao tratar de psicopatologias graves. Ao afirmar que: "cada relação significativa terá, num certo momento, um elemento de simbiose", Schiff (1986,p.08) dá subsídio para que seus estudos possam ser adaptados para psicopatologias mais leves, encontradas no dia a dia dos consultórios.

Uma análise dos acontecimentos simbióticos ocorridos durante as fases do desenvolvimento vão nos permitir processos de intervenção terapêutica na relação terapeuta-cliente, durante o decorrer do processo de terapia. Para melhor entendermos isso, faremos um *passeio teórico - grifo nosso* - pelos estágios de desenvolvimento do ser humano fazendo relações entre as fases de estabelecimento da Simbiose Primária e as possibilidades que possam ter ocorrido tornando-a uma Gestalt fixada.

Muitos autores abordaram o tema dos Estágios de Desenvolvimento, Freud, Piaget, Spitz, Erikson, Spock, Gesell, Winnicott, entre outros, mas ficaremos com aqueles que o fizeram sob o referencial teórico da Análise Transacional, Berne, Schiff, English, Levin-Landheer, Kertész e Del Casale.

A AUTONOMIA COMO META

Para ser autônomo é necessário adquirir a possibilidade de governar a si mesmo, determinar seu próprio destino, assumir a responsabilidade por suas ações e sentimentos, desfazendo-se de crenças e valores inadequados para poder viver no aqui e agora com emancipação e independência. No conceito de Análise Transacional "a obtenção de autonomia é manifestada pela liberação ou pela recuperação de três capacidades: consciência, espontaneidade e intimidade." (BERNE, 1977, p.155)

Ter consciência é ter o conhecimento do que está acontecendo aqui e agora, perceber o mundo através de seu próprio contato com ele em vez de vê-lo conforme lhe foi ensinado, é estar presente e consoante com seu corpo, seus pensamentos e suas emoções. "A pessoa consciente está viva porque sabe o que sente, onde está e o momento que vive". (BERNE, 1977, p.157)

Ter espontaneidade é ter comportamentos que fluem com naturalidade e facilidade, é ser oportuno, é poder modificar-se sem esforço de acordo com as exigências e necessidades de cada momento, é ter uma resposta integrada, poder ser flexível, responsável por suas escolhas e tomar suas próprias decisões. Não deve ser confundido com fazer qualquer coisa em qualquer momento, em qualquer lugar, de qualquer maneira. Ter espontaneidade, para Berne (1977, p.157), "significa estar liberto da compulsão de ter apenas os sentimentos que se aprendeu a ter".

Estar em intimidade é estar ligado com sentimentos de afeto às pessoas em um relacionamento, seja de forma emocional, física, intelectual ou mesmo espiritual. É poder expressar sentimentos de calor e ternura, poder contatar outras pessoas e deixar-se contatar por elas de forma natural, com proximidade fazendo de cada encontro uma experiência única e satisfatória.

A SIMBIOSE COMO CAMINHO

Desde nossa concepção, começamos nossa existência dentro de uma relação de dependência. Relação de dependência com nosso grande primeiro amor, nossa Mãe. A sabedoria popular diz que *Mãe é como catapora. Dá uma vez*

e deixa marca para sempre - grifo nosso -. A singeleza desta frase traduz e contém a força e a importância desta nossa primeira relação amorosa, que vai moldar todos os nossos relacionamentos afetivos.

Em Análise Transacional denomina-se de Simbiose uma relação de dependência que é "um relacionamento que ocorre quando dois ou mais indivíduos se conduzem como se formassem entre eles uma pessoa única" (SCHIFF, 1986, p.08). Schiff (1986, p.08) esclarece, ainda, que Simbiose é uma ocorrência natural entre pais e filhos até que estes possam viver por conta própria e esta Simbiose Primária torna-se patológica quando interfere com o desenvolvimento da autonomia ao chegarmos na idade adulta.

Nesta relação de Simbiose não resolvida ou patológica, segundo Schiff (1986), devemos levar em consideração três aspectos importantes que a mantêm e justificam: Condutas Não Produtivas ou Comportamentos Passivos, Desqualificação e Grandiosidade.

Na Simbiose patológica duas posições podem ser ocupadas: ou a pessoa vai se colocar numa posição em que outro vai tomar conta dela e os problemas passam a ser do cuidador e devem ser resolvidos por ele ou ela vai se colocar no papel de tomar conta do outro que é então o detentor ou causador dos problemas e não consegue viver sem o cuidador para resolvê-los.

Assim, a resolução da Simbiose, seja natural ou patológica, é o caminho para alcançar a Autonomia.

ANTES MESMO DO NASCIMENTO

A Simbiose Primária, que é fundamental no desenvolvimento do ser humano, inicia-se com a concepção, quando o casal se prepara para ter um filho, e continua durante toda a gestação até o nascimento, perdurando até o final da adolescência, quando deveria estar resolvida.

Nesta primeira fase, se a concepção é desejada e se realiza com amor, o vínculo mãe-filho começa a ser construído de forma positiva. O resultado poderá ser bem diferente se a concepção é resultante de uma relação ocorrida por acaso ou, ainda, se advinda de estupro e agressão.

Durante toda a gestação o bebê, em contato visceral com a mãe, estará recebendo vibrações dessa mãe bem como toda sua produção bioquímica.

Receberá, do contexto onde os pais estão inseridos, influências positivas dentro de um ambiente emocional saudável ou negativas de um ambiente emocional de rejeição numa gravidez indesejada. Neste período, também surgirão expectativas em relação à criança como, por exemplo, de que sexo ela será, escolha do nome ou o papel que ela desempenhará na vida dos pais.

Enquanto a Simbiose Primária começa a se estabelecer entre a mãe e o bebê, ocorre também uma simbiose, de suporte, entre o pai e a mãe. Este é o quadro ideal para a gestação. Em contrapartida, tentativas de aborto bem como situações de stress ou doenças graves na mãe podem ocorrer durante a gestação e vão moldar um ambiente desfavorável para o estabelecimento da Simbiose Primária.

Muitas vezes uma desqualificação intensa das necessidades do Estado do Ego Criança dos pais também vai propiciar um início de estabelecimento da Simbiose Primária não saudável, uma vez que esta irá se desenvolver em um ambiente ambivalente de amor e raiva, sendo produto de ressentimentos do Estado de Ego Criança desses pais.

OS PRIMEIROS MESES

A Simbiose Primária saudável, estabelecida fisiologicamente durante a gestação, no nascimento organiza, dá suporte e é complementada pelo início do processo de Parentalização da criança. Isso é necessário e fundamental já que a criança nasce somente com o Estado do Ego Criança - C1- ou Criança Natural, ativa. Inicia-se neste primeiro estágio a organização neuropsicofisiológica primária que dá as bases e a estrutura para a formação da personalidade. Ocorre a descoberta da própria existência e o bebê aprende "que há uma parte do mundo que são eles e uma parte que não são" (SCHIFF, 1986, p. 42).

Esta é a hora de receber alimentação, calor e abrigo e uma dieta nutritiva de carícias inclui contato físico quente, íntimo e prazeroso. Até os dois meses, principalmente se a amamentação é natural, no seio, a Simbiose Primária propicia uma ligação intensa entre a mãe e o bebê não sendo aconselhável uma separação longa entre o bebê e quem lhe dá a alimentação.

Se todo esse quadro acontece de forma saudável essa Simbiose começa seu caminho para resolver-se. Porém nem sempre é o que acontece.

Com muitos bebês pode ocorrer que o choro e o ato de mamar não se realizem com satisfação, pois o choro pode causar irritação na mãe e a amamentação pode não ser satisfatória, pois a tensão da mãe vai causar um fluxo de leite insatisfatório e frustrante para o bebê. A sensação de fome, o choro, o bater os braços – motilidade - podem não ser satisfeitos pela amamentação, necessitando o bebê de um aumento da energia empregada para conseguir satisfazer sua necessidade. Ocorre, então, aumento dos movimentos arrítmicos - agitação sem direção, sem foco -, gerando o que mais tarde será uma das Condutas Não Produtivas de Agitação, conforme afirma Schiff, 1986, p.43.

Ao contrário disso, condutas de superproteção da mãe não permitindo ao bebê pedir o alimento com seu choro e movimentos arrítmicos podem levar a Condutas Não Produtivas de Não Fazer Nada ou Superadaptação.

Uma amamentação agitada e mecânica, com poucas carícias, também pode levar à uma Conduta Não Produtiva de Agitação.

A motilidade - movimentos arrítmicos sem intenção - do bebê deve ser estimulada e não tolhida como nos bebês que passam grande parte do tempo *embrulhados* - grifo nosso - em mantas ou cobertas. Essa conduta de impedir a motilidade pode estabelecer-se na Conduta Não Produtiva de Não Fazer Nada além de enviar mensagens de Não se Mexa, Não Atue. Essa Conduta Não Produtiva de Não Fazer Nada pode desencadear, em estágios posteriores, comportamentos de timidez, retraimento ou assemelhar-se à depressão pela não movimentação da criança.

AVANÇANDO PARA A FASE SENSÓRIO-MOTORA

O bebê entra nesta fase quando passa da motilidade para a mobilidade - movimentos intencionais). Nesse estágio, as carícias vêm através de um fornecimento contínuo de afeição física, permissões de apoio e qualificação para a ação, curiosidade, intuição. Inicia-se a formação do Pequeno Professor - A1.

Com a dor causada pela erupção dos dentes ou do aparecimento das cólicas, os bebês experienciam uma total impotência sua e de quem cuida deles, gerando uma fase de grandes frustrações, como English, 1977, enfatiza.

Este momento é também das grandes descobertas e início de independência, pois é aí que acontece o engatinhar e o começar a andar, a

exploração do meio, ao mesmo tempo em que desenvolve a visão, a audição, o tato.

Como observa Levin-Landheer, 2010, o início incipiente da resolução da Simbiose Primária surge nessa fase e precisa ser encarada com tranquilidade pela mãe, principalmente, e não como abandono ou perda *de seu bebezinho tão dependente e obediente* - grifo nosso ,

Com o início da dentição começa o processo de introdução de alimentação pastosa e sólida com o subsequente desmame da criança.

O caminhar da Simbiose Primária para a sua resolução pode ter seu início ou ser impedido a partir de acontecimentos nesta fase..

O bebê começa a explorar o mundo e os pais o colocam num cercado impedindo sua movimentação e enviando mensagens de Não se mexa, o que pode levar a Condutas Não Produtivas de Não Fazer Nada, Superadaptação e Agitação em virtude do cerceamento da locomoção e da curiosidade;

A mãe, por medo de perder seu bebezinho, não começa o processo de desmame enviando mensagens de Não Cresça, gerando as Condutas de Não Fazer Nada, Superadaptação e, muitas vezes, de Agitação por impedir a busca de alimento fora do colo materno. É importante ressaltar que no processo de desmame o papel do pai é importante, solicitando de volta sua mulher que tornou-se somente mãe.

O processo de engatinhar e começar a andar é necessário que seja realizado com muito apoio e proteção. O bebê precisa segurar na mão da mãe, do pai ou de alguém que lhe dê segurança. Começar a andar segurando em pernas de cadeiras e móveis envia mensagens de desproteção, bem como, usar o andador envia mensagens de Você não é Capaz, Você não vai conseguir. Essas atuações por parte de quem cuida da criança podem induzir, também, ao Não Fazer Nada, Superadaptação e, muitas vezes, Agitação por se sentirem tolhidos e desprotegidos. A vigilância insuficiente do pequeno explorador pode levar a conclusões de medo de situações novas ou propensão a acidentes frequentes que geram carícias e cuidados posteriores. Essa Incapacitação ou Violência estabelecidas podem levar, no futuro, à busca de segurança na prisão ou num hospital psiquiátrico, afirma English, *in* Barnes, 1977.

DOS 18 MESES AOS 3 ANOS

Agora a criança entra no estágio da independência, individualidade e separação, "quando nosso Estado de Ego Adulto está inicialmente se formando". (LEVINLANDHEER, 2010, p.187).

Schiff, 1986, p.46 enfatiza:

A curiosidade emerge como uma força impulsora e elas ficam esperançosas, ou mesmo convencidas, que quando completarem sua exploração do universo, elas terão controle sobre todas as coisas. O rápido aprendizado que ocorre nesse tempo reforça esta expectativa.

Inicia-se também a formação de P1 - o Pai da Criança - onde começam a ser gravadas as mensagens da parentalização que agora já são verbais. As Injunções começam a ser gravadas. Muitas delas impedem a espontaneidade e intimidade características das relações da criança com o mundo.

Berne, 1988, p.92 observa:

A tarefa da criança é descobrir o real significado do que dizem os pais. Isso ajuda a conservar seu amor ou, pelo menos, a sua proteção, ou ainda em casos mais difíceis, asseguram tão somente sua sobrevivência.

Agora é momento das crianças quererem espaço, serem diferentes e únicas. Para elas começa a ficar difícil compreender e controlar o mundo à sua volta e começam a compreender que as pessoas têm necessidades e sentimentos que não são necessariamente os mesmos dela. Iniciam-se os anos de rebeldia onde predominam os 'nãos'. São os 'terríveis dois anos'. Ficam raivosas, mal humoradas e, às vezes, deprimidas como esclarece Schiff, 1986. Segundo English, *in* Barnes, 1977, os acontecimentos desta fase vão se repetir com bastante intensidade na adolescência onde acontecem verdadeiras batalhas.

Este incipiente processo de resolução da Simbiose Primária pode ser castrado pelos pais através de comportamentos que impedem a adaptação social da criança, de forma saudável, ao convívio com os demais. Podem permitir ou encorajar a demonstrar sua rebeldia de forma inadequada ou impedi-las de perceber a possibilidade dessa separação de forma protegida.

A criança começa agora a aprender a nomear as emoções e isso é feito pelos pais ou por quem cuida delas e a criança começa a perceber quais são os sentimentos aprovados e quais não são, sendo estes últimos, portanto, perigosos para a obtenção de carícias. Começa o aprendizado das emoções substitutas em contrapartida às emoções autênticas que são percebidas como proibidas.

Por desconhecimento, inadequação ou mesmo proibição em relação às emoções os pais podem enviar Injunções do tipo, Não sinta, Não sinta o que está sentido, Sinta... - emoção substituta - , Não expresse o que está sentindo, Não atue o que sente ou Atue de forma descontrolada.

Montheiro, 2011, p.36, enfoca:

Uma vez que a emoção não possa ser reconhecida e/ou expressa também não poderá motivar o comportamento social ligado a sua satisfação. Em substituição, a pessoa pode desenvolver sintomas como enxaqueca, palpitação, enjôo, por exemplo (ERSKINE e ZALCMAN,2006), sendo essa a origem dos problemas psicossomáticos, bastante frequentes em crianças com dificuldades na escola como dores de cabeça, enjôos, vômitos, diarreias. Ou ainda, em lugar da emoção inicial, sentir outra. Por exemplo, por não poder entrar em contato com sua raiva – o que a motivaria a transformar a situação que a incomoda – a pessoa torna-se excessivamente “boazinha” ou excessivamente agitada.

Como Montheiro, 2011 esclarece, é no campo do aprendizado da expressão ou atuação emocionais do que é permitido ou não, na Simbiose Primária, que algumas Condutas Não Produtivas são estabelecidas.

A conduta de Não Fazer Nada advinda da proibição de expressar, por exemplo, a raiva leva, muitas vezes, à emoção substituta de depressão, pois a raiva está intimamente ligada ao ímpeto de atuação em direção ao que se quer fazer. Muitas vezes essa pode ser a causa de depressões reativas em crianças bem pequenas. Começar a expressar ou atuar as emoções que lhe são permitidas da forma como é do agrado dos pais vai estabelecer a conduta de Superadaptação.

A emoção substituta, quando expressada, não possibilita a descarga necessária da energia produzida pela emoção natural e o *quantum* de energia que fica retido pode provocar a conduta de Agitação e ser fator de diagnóstico em

crianças hiperativas e com Transtorno do Déficit de Atenção – TDA -, tão comum hoje em dia.

A Conduta Não Produtiva de Incapacitação pode advir da transformação do *quantum* de energia emocional retido em sintomas físicos, possibilitando através deles uma descarga parcial desta energia não expressa ou atuada. Tal situação, frequentemente, recebe reforço pela intensa obtenção de carícias.

A Injunção de Atuar sem Controle pode levar à conduta de Violência que, dependendo do *quantum* de energia reprimida, faz a criança quebrar objetos da casa, brinquedos, agredir outras crianças ou mesmo adultos. São as *crianças impossíveis que ninguém consegue controlar* - grifo do autor. Essas injunções e esses comportamentos ligados às emoções são decorrentes da necessidade que os pais têm de que seus filhos continuem em simbiose, dependentes dos cuidados deles.

Os comportamentos naturais de rebeldia das crianças e a inadequação dos pais em lidar com elas - quer reprimindo manipuladoramente - Você é mau! ou Mamãe não vai mais gostar/dar atenção a você se continuar desse jeito - quer incentivando de forma a dar à criança um poder que ela não pode ter por não saber o que fazer com ele - Não sei o que fazer com esse menino/a, ele está ficando impossível! ou Isso mesmo, quebra tudo que eu te quebro de pancada! - levam também às condutas de Não Fazer Nada, Superadaptação, Agitação, Incapacitação ou Violência que não permitem a saída da Simbiose.

DOS 3 AOS 8 ANOS – ESTABELECENDO UMA POSIÇÃO EXISTENCIAL E O MODELO PRIMITIVO DO SCRIPT

A criança avança agora em direção à estruturação da Posição Existencial, como coloca English, in Barnes, 1977, p.320,

Concordo com Berne que entre as idades de 3 a 4 anos, a criança decide por uma posição existencial que se torna a fundação para o seu futuro Script, porque por volta desta idade ela desenvolve a necessidade de um ponto de vista para o seu relacionamento com os outros.

E prossegue:

As crianças desenvolvem uma posição defensiva (-/+ se, aos 3 anos, estabelecem uma alta proporção de conclusões referentes ao desamparo e subjugação. Ao contrário, desenvolverão uma posição

defensiva (+/-) se, logo cedo, adquiriram várias conclusões sobre o poder de "conseguir fazer" seus responsáveis sentirem-se bem, irados, assustados ou culpados.

E a partir da estruturação dessas posições existenciais defensivas vai se esboçando qual tipo de Simbiose vai ser estabelecida na vida adulta: se o indivíduo estrutura a posição defensiva -/+ vai buscar Simbiose complementar com indivíduo que estruturou posição defensiva +/- e vice versa desenvolvendo as Condutas Não Produtivas necessárias para manter essa Simbiose.

É ainda dos três aos oito anos que a criança estrutura o modelo primitivo do *Script*. "Queremos descobrir de uma forma nova quem somos e o que significa sermos do sexo que somos. Nós vivenciamos relacionamentos sociais e nos tornamos preocupados com o poder", diz Levin-Landheer, 2010, p.188. No final deste período o desenvolvimento do Estado do Ego Pai - P2 - é fundamental para a estruturação desse modelo primitivo de *Script* com todo o seu aparato - Desfecho ou Maldição, Injunção do *Script* ou Freador, Provocação ou "come-on", Prescrição, Padrão ou Programa, Impulsos do *Script* ou demônio, *Antiscript* ou Alívio Interno - BERNE, 1988, p. 98). Berne, 1988, p.99, afirma que a anatomia do Aparato do *Script* é constituída dos controles do *Script* - Maldição, Freador e Provocação - e dos elementos que podem ser utilizados para combatê-lo - Prescrição, Padrão, Impulsos e *Antiscript*.

Kertesz, 1985, p.373, acrescenta que a seqüência de formação desse primeiro modelo de *Script* começa com condutas parentais verbais e, principalmente, não verbais acompanhadas de carícias que são captadas e analisadas como mensagens por A1 a partir da necessidade de sobrevivência e conseqüente gravação como Injunções em P1. Cada injunção gravada estará vinculada a Emoções Substitutas, Posição Existencial e condutas concretas aprendidas nos Jogos Psicológicos. Este primeiro protocolo do *Script* vai sendo experimentado, ao ensaiar comportamentos que serão reforçados por sua família com carícias inadequadas e qualquer desvio desse padrão será castigado ou ignorado. Em idades posteriores a criança atuará esse script fora da família buscando parceiros que se encaixem nos seus papeis complementares.

Crema, 1985, p.209, observa que o *Script* é uma rotina, portanto sem consciência, espontaneidade e intimidade:

A descrição do mundo, alimentada pelos diálogos internos, condiciona nosso hábito de existir, que é a expressão comportamental do script. Enquanto plano, a nível estrutural e intrapsíquico, o script consiste na gravação de mandatos, injunções e de decisões de sobrevivência, que se expressa, fenomenologicamente, na forma de padrões de ações e de reações habituais. Em outras palavras, o script apresenta-se como uma rotina existencial.

As Injunções do *Script*, segundo Berne, 1988, são a parte mais importante do Aparato do *Script* e podem variar das mais severas às mais suaves, todas incorporadas através de chantagem ou medo. As principais são: Não Viva, Não Desfrute, Não Pense, Não Sinta - nenhuma emoção ou uma emoção específica -, Não Cresça, Apressa-te a Crescer, Não me Superes, Não Seja Você Mesmo seja como..., Não Consiga, Não se Aproxime, Não Termine o que Começa, Não Atue, Não me Abandone.

As injunções Não Cresça e Apressa-te a Crescer são importantes na delimitação do tipo de Simbiose que o indivíduo vai estabelecer no futuro. Quem recebeu a Injunção Não Cresça vai procurar desenvolver Simbioses Primárias Não Resolvidas já quem recebeu o Apressa-te a Crescer desenvolverá a Simbiose Secundária.

Podemos inferir que as Condutas Não Produtivas que mantêm as relações de dependência são tomadas também para atender a elementos do aparato do script e têm papel importante no caminhar dentro do script.

A Conduta de Não Fazer Nada obedece a algumas Injunções como Não Atue, Não Pense, Não Cresça, Não me Supere, a de Superadaptação atende também a algumas Injunções - Não Seja Você, Não me Supere - e ao Padrão ou Programa do *Script* e as de Agitação, Incapacitação e Violência atendem à Provocação e ao Desfecho Final do *Script*.

Além das Injunções do *script*, outro fator importante nesse período de crescimento da criança são as Atribuições, que dizem à criança o que devem fazer ou como ser. Steiner, 1976, p.67, diz que "as atribuições, quando seguidas,

são reforçadas; as injunções quando desobedecidas, são punidas". As Atribuições podem ser do tipo: Você é um palhaço, vive rindo - Atribuição que reforça a Injunção de Não Desfrute -, Você é um tonto, só fala besteira - Atribuição que reforça a Injunção Não Pense -, Você é tímido ou Você é um bicho do mato - Atribuição que reforça o Não Se Aproxime -, Você é um mariquinha, vive chorando - Atribuição que reforça a Injunção Não Sinta -, Você é o bebezão da mamãe - Atribuição que reforça a Injunção Não Cresça -; Você é o homenzinho da casa, tão responsável - Atribuição que reforça a Injunção Apressa-te a Crescer - , Você é um desajeitado, nunca vai chegar onde eu estou - Atribuição que reforça a Injunção Não Me Supere ou a injunção Não Atue -, e muitas outras. Uma Atribuição importante que reforça a injunção Não Seja Você, Seja Como... é a escolha do nome da criança. Lembramos que as injunções vêm de P1 dos pais e as atribuições de P2.

Essas considerações, abordadas acima, referem-se ao que acontece até os oito anos, dentro da Simbiose Primária, e, portanto, induz a delimitação do grau e a forma de adaptação - por submissão ou por rebeldia - que a criança vai precisar recorrer para se alinhar com a realidade que a cerca. Ressaltamos que se a adaptação é por submissão as Condutas Não Produtivas preponderantes serão Não Fazer Nada e Superadaptação com pouca descarga de energia nas condutas de Agitação e Incapacitação ou Violência. Se a adaptação for por rebeldia as Condutas Não Produtivas preponderantes serão as de Agitação e Incapacitação ou Violência com muita descarga de energia em vez das condutas de Não Fazer Nada e Superadaptação. Segundo Steiner, 1976, p.74, "este processo é um ponto crucial no desenvolvimento dos *scripts* e é chamado de decisão". Ainda Steiner, 1976, p.74, "um *script* resulta de uma decisão que é tanto prematura quanto forçada, por ser feita sob pressão e, portanto, muito antes de uma decisão poder ser adequadamente tomada". Essas decisões são tomadas pelo Pequeno Professor - A1 - com dados incompletos, realidade distorcida e necessidade de sobrevivência. Essas decisões vão orientar o indivíduo, mais tarde, a buscar os parceiros, em relações simbióticas de dependência, para poder caminhar no seu *script*.

CAMINHANDO PARA A ADOLESCÊNCIA

A partir dos oito anos até o final da adolescência, as premissas básicas do *script* já estão internalizadas, e está na hora de começar a atuá-lo na vida social. Nesta fase, o processo de Parentalização é influenciado por outras figuras parentais como professores, pais dos amigos, adolescentes mais velhos, instrutores esportivos, etc. A partir da Parentalização ocorrida em casa e agora na sociedade é que vai se formando o Estado de Ego Pai - P2 - como um Estado de Ego autônomo que vai orientar as futuras decisões de condutas não mais a partir de P1, pelo medo ou gratificação, mas por uma escala de valores e regras introjetadas em P2.

Importante ressaltar que nessa fase se finalizaria a resolução da Simbiose Primária ou sua cristalização para orientar futuras relações. A criança e/ou adolescente começa ativamente a esboçar condutas de desafio ou defesa em relação aos valores dos pais. Em resposta, atuar com condutas de autoridade, tão somente, pode não ser o melhor caminho, como também achar que elas já podem resolver tudo por conta própria não o é. Conflito e confusão são típicos desse momento e a melhor forma de lidar com isso é o diálogo de orientação, aceitação e limite para que eles tenham sucesso na resolução dos problemas.

Levin-Landheer, 2010, p.199, escreve que faz parte deste momento "discutir e criticar sobre o moral, valores e métodos dos outros e querer fazer coisas a nossa própria maneira e não da maneira de outrem". Berne, 1988, p.117, esclarece que "há pessoas que se rebelam contra seus *scripts*, fazendo, aparentemente, o oposto do que se esperaria que fizessem. Exemplos comuns são o adolescente rebelde".

Neste período começam a aparecer as preocupações com a sexualidade e os adolescentes iniciam suas experiências sexuais. Na vida atual em que os apelos à sexualidade vêm de todos os lados, ter uma posição conservadora baseada no medo não pode ser mais desastroso e só irá dificultar a aproximação. Controlar ou não querer tomar conhecimento são dois opostos que precisam ser evitados.

Precisamos levar em consideração que é nessa fase que os Estados do Ego – PAC - do indivíduo estão recém completados e que a labilidade da catexia é intensa, pois as membranas ainda não estão totalmente individualizadas e cabe aos pais, com orientação, empatia e proteção ajudar a organizar esta catexia. Um Estado de Ego Adulto Integrado dos pais vai propiciar esta integração nos filhos.

“Alguns pais relutam em sentir a separação; outros ficam satisfeitos de ter transferido sua responsabilidade e estão ansiosos por ver os filhos independentes”. (SCHIFF, 1986, p.54)

A Simbiose Primária que estaria *madura* - grifo nosso - para ser resolvida pode não sê-lo e analisando esta não resolução sob a ótica teórica do *Miniscript* de Kahler e Capers, 2010, podemos fazer algumas correlações com as Condutas Não Produtivas da Simbiose. Crianças e adolescentes tímidos, com pouca criatividade, ensimesmados, com pouca volição, mascarando mesmo condutas depressivas; estariam vivendo na Desqualificação da Posição 0 do *Miniscript* com Condutas de Não Fazer Nada.

Condutas da Posição -1 do *Miniscript*, atendendo aos Compulsões - Agrade Sempre, Seja Apressado, Seja Esforçado, Seja Forte e Seja Perfeito -, da Posição -2, atendendo aos Frenadores ou da Posição -4, Desfecho final do *Miniscript*, determinando crianças e adolescentes quietinhos e bonzinhos, não característicos da fase, estaria determinando a Superadaptação.

Agitação e Violência seriam condutas da Posição -3 do *Miniscript*, sob influência da Criança Vingativa, comuns em crianças e adolescentes rebeldes em demasia, destruidoras e com comportamentos anti-sociais. Esses comportamentos muitas vezes seriam oriundos de atuação no *anti-script*.

A conduta de Incapacitação muito comum da posição -4 - NOOK-NOOK - , de Encurralamento de Desfecho Final do *Miniscript*, levaria a consultas freqüentes a médicos e hospitais;

Para a boa finalização dessa fase de desenvolvimento e, portanto, da resolução da Simbiose Primária são importantes mensagens do tipo: “É OK para

você fazer coisas do seu próprio jeito, ter seu próprio método e moral, Você não precisa sofrer para conseguir aquilo que necessita, Você pode fazê-lo a sua própria maneira, Você pode pensar antes de fazer do seu jeito, É OK discordar, Você pode confiar nos seus sentimentos para guiar-se". (LEVIN-LANDHEER,2010,p.190)

ENTRANDO NA VIDA ADULTA

Completando o ciclo e entrando plenamente na vida adulta a personalidade está formada. Incertezas e inseguranças com relação ao futuro são vividas intensamente. É quando se busca um novo lugar no mundo e ser bem sucedido é a meta, assumindo a responsabilidade dos seus atos, ser sexual, ser quem é, e poder contar com suas referências parentais.

Cabe aqui o que diz Montheiro, 2011, p.39:

Muitos acontecimentos que formaram ou transformaram nossa estrutura, no momento atual podem não nos ser úteis, funcionando como limitações. Eliminando estes padrões, atualizando crenças, dissolvendo tensões, ampliamos o pulsar plasmático, ganhamos flexibilidade, expansão interna e uma nova consciência física e emocional.

Vai-se em busca de um/a companheiro/a para se ligar emocionalmente e dar suporte à constituição de uma família distinta da original, de relações sociais e relações de trabalho. Todas essas relações poderão ocorrer a partir de uma posição de Autonomia ou de uma Simbiose e Dependência patológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse *passeio - grifo nosso* - fazemos algumas reflexões, procurando trazer algumas das referências desses teóricos para nossa prática terapêutica.

Toda a estrutura da personalidade humana - os Estados de Ego, o Sistema de Carícias, a Educação Emocional, A Estruturação Social do Tempo e o *Script*, que vão determinar um Quadro de Referência - é construída dentro de uma relação de Simbiose que dura nada mais nada menos do que dezoito anos.

Cada pessoa vai estruturar uma matriz afetiva de relacionamento para ser empregada em cada relação, vida a fora, seja, amorosa de parceiro/a, familiar,

social ou profissional. Os convites para qualquer relacionamento partirão desta matriz e procurarão satisfazê-la.

A Simbiose é o cenário em que se desenrola o *Script* de cada um, sendo o indivíduo o personagem principal e os demais seus coadjuvantes nas diversas relações de dependência.

A relação terapeuta-cliente não fugirá desse padrão e a Simbiose Terapêutica, que será proposta de forma ulterior pelo cliente, precisará ser aceita como manobra, e trabalhada para ser resolvida. O cliente precisará ser levado à identificação de que pontos em seu desenvolvimento a sua relação Simbiótica Primária foi mantida, em vez de ser resolvida, para poder ir fechando as *Gestalts* que ficaram fixadas.

Propomos que na relação terapêutica sejam trabalhadas as Redefinições, as Desqualificações, as Grandiosidades e as Condutas Não Produtivas que justificam, mantêm e perpetuam o padrão simbiótico de relacionamento, que desta forma poderá ser resolvido, passo a passo, de forma acolhedora e protegida.

Propomos ainda refletirmos sobre a possibilidade de que essa matriz afetiva de relacionamento, padronizada lá atrás, sendo resolvida em uma relação sequer, será fechada e propiciará o resgate e liberação da Autonomia e a possibilidade de relações no aqui e agora com Consciência, Espontaneidade e Intimidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNE, Eric. **Os Jogos da Vida**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.
_____. **O que você diz depois de dizer olá?** São Paulo: Nobel, 1988.
- CREMA, Roberto. **Análise Transacional centrada na pessoa... e mais além**. São Paulo: Ágora, 1985.
- DEL CASALE, Franco. **Ajuda-me a crescer**. São Paulo: Summus, 1986.
- ENGLISH, Fanita. Beyond Script Analysis, in BARNES, Graham (editor). **Transaction Analysis After Eric Berne - teaching and practices of three TA schools**. New York: Haper's College Press, 1977.
- KAHLER, Taibi; CAPERS, Hedges. O Miniscript. **Prêmios Eric Berne**. Porto Alegre: União Nacional dos Analistas Transacionais – UNAT-BRASIL, 2010.
- KERTESZ, Roberto. **Análisis Transacional Integrado**. Buenos Aires: IPPEM, 1985.
- LEVIN-LANDHEER, Pamela. O Ciclo do Desenvolvimento. **Prêmios Eric Berne**. Porto Alegre: União Nacional dos Analistas Transacionais – UNAT-BRASIL, 2010.
- MONTHEIRO, Adriana. Sinto, Penso no que sinto, logo existo. Um estudo sobre o significado das emoções e suas funções. **Revista Brasileira de Análise Transacional**, São Paulo, ano XXI, n.1, abr 2011.
- SCHIFF, Jacqui ET all. **Leituras do Catexis**. Tradução informal feita por BERG Ralph. Rio de Janeiro, 1986.
- STEINER, Claude. **Os papéis que Vivemos na Vida**. Rio de Janeiro; Artenova, 1976.

Vitor A. Merhy – Médico (CRM 521851-5 RJ), Psiquiatra, Psicoterapeuta Somático com formação Reichiana, Especialista em Educação, Membro Regular da UNAT-BRASIL. Participa do colegiado-diretor da PsyAtiva, onde coordena e gerencia treinamentos em Biopsicologia. Atua nas áreas Clínica, Educacional e Empresarial. Rio de Janeiro, RJ. Contato: vitoragra@terra.com.br e psyativa@psyativa.com.br.

Assim, em quatro dias de trabalho, a partir de uma reunião de trabalho, este trabalho teve como resultado a Real Prof. Álvaro Rodrigues nº 201, Botafogo, na cidade de Rio de Janeiro, RJ. Professora Dra. Luiza Góes, o Coordenador do Curso Professor Mestre Maria Adriana Melo Monteiro e o Professor Especialista Edn Lúcio Ferreira Pires, para juntos, deliberarem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos (as).

1. VITOR AGRA MERHY

Na cidade de Rio de Janeiro.

CRESCENDO EM DIREÇÃO À AUTONOMIA OU À DEPENDÊNCIA?

TRABALHANDO A SIMBIOSE NA RELAÇÃO TERAPEUTA-PACIENTE NÃO PSICÓTIPO

2. DEBORÁ MARGOLIND FERRARI

Na cidade de Rio de Janeiro.

ATENDIMENTO HUMANIZADO À GESTANTE COM ENFOQUE EM ANÁLISE TRANSACIONAL



FATEP
FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE

FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE
CURSO DE ANÁLISE TRANSACIONAL
ATA DA BANCA EXAMINADORA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
CURSO – TCC

Aos vinte quatro dias do mês de março do ano de dois mil e doze, estão reunidos neste recinto, situado à Rua Prof Álvaro Rodrigues nº 203, Botafogo na cidade do Rio de Janeiro , RJ, Professora Doutora Luiza Oliveira, o Coordenador do Curso Professor Mestre Maria Adriana Melo Monteiro e o Professor Especialista Ede Lanir Ferreira Paiva para juntos, deliberarem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos (as):

1. VITOR AGRA MERHY

Na defesa do tema:

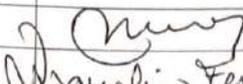
**CRESCENDO EM DIREÇÃO À AUTONOMIA OU À
DEPENDÊNCIA ?**

**TRABALHANDO A SIMBIOSE NA RELAÇÃO TERAPEUTA-
PACIENTE NÃO PSICÓTICO**

2. DEBORA MARCOLINO FERRARI

Na defesa do tema:

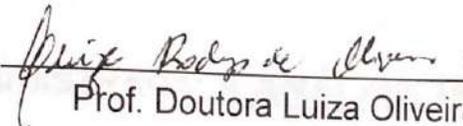
**ATENDIMENTO HUMANIZADO À GESTANTE COM ENFOQUE
EM ANÁLISE TRANSACIONAL**

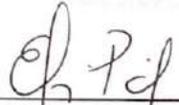
Aluno(a)	Grau final (%) (0,0 a 10,0)	Desempenho (0% à 49% - NS) (50% à 89% - S) (90% à 100% - PS)	Situação Final (aprovado ou Reprovado)	Ciente do(a) aluno(a)
1	10,0	PS	APROVADO	
2	10,0	PS	APROVADO	

OBS: PS Plenamente satisfatório - S - Satisfatório - NS - Não Satisfatório

E, para surtir os efeitos legais e educacionais, eu, Professor Doutor Luiza Oliveira, Presidente da banca, lavrarei a presente ata que será abaixo por mim assinada e pelos demais integrantes da Banca Examinadora.

Rio de Janeiro, 24 de Março de 2012 .


 Prof. Doutora Luiza Oliveira
 Presidente da Banca


 Prof Especialista Ede Lanir Ferreira Paiva

De acordo: 
 Prof Mestre Maria Adriana Melo Monteiro
 Coordenador do Curso